

PINHEIRO

Ó pinheiro imortal que vais brotando
Do seio desta terra de bonança,
Perlilado na serra, estás mostrando
Um panorama pleno de pujança.

Ergues aos céus a copa balançando,
Como cálice verde de esperança,
Alto, gigante, majestoso e brando,
Beijado pela brisa fresca e mansa.

Tu és do Paraná tôda a riqueza,
Da gleba adôrno de real beleza,
Verde pinheiro dêste meu rincão.

Se te levasse alguém para outra terra,
Saudoso morrerias, de tua serra,
Pois em teu tronco pulsa um coração!

HORA MÍSTICA

Seis horas! Hora mística e divina!
Crentes em preces, corações unidos...
À altura ascende a alma peregrina,
Na doce paz de todos os sentidos.

O Sol se vai, a tarde já declina,
Os pássaros se calam, recolhidos;
Descerra a noite a lúgubre cortina,
Com soluços de sinos doloridos.

Hora bendita do recolhimento!
Elevamos aos céus o pensamento,
Entregamos a Deus o coração.

A Ave-Maria evoca à cristandade
Meditação profunda de humildade,
Silêncio, amor, doçuras, oração!...

CARTAS DE AMOR

Velhas cartas de amor, já desbotadas
Pelo correr do tempo que passou,
Num cordel vivem sempre aprisionadas...
Meu coração sepulto assim ficou.

Velhas cartas de amor abandonadas,
Que em coque antigo o tempo amortalhou!
Recordações, promessas já quebradas...
Dentro delas, o amor que terminou.

Não me canso de ler: «Minha querida»,
Hei-de adorar-te para tôda a vida.
Hás-de ser minha, meu excelso amor!

Quanta ironia, quanta falsidade,
Quantas frases inúteis, sem verdade,
Quanta mentira transformada em dor!

RECORDAR

«Recordar é viver» diz o ditado,
É . . . er doce sonho que findou,
E, por isso, recordo o meu passado,
Qual fumaça que o vento dispersou.

Recordar nossa vida de outro lado,
O lado claro e bom que se apagou,
Sentindo o coração despedaçado,
Na saudade que o tempo não matou!

Recordar nossa bela mocidade,
Dias de sonho e de felicidade,
Aureolados de luz e de esplendor;

É viver um minuto de alegria,
É viver, novamente, em cada dia,
Essa quadra feliz, cheia de amor!

PRIMEIRA COMUNHÃO

(A minha filha - Dioleta Leila)

Tomaste, minha filha, neste dia,
A hóstia santa do divino amor;
Em teu olhar só devoção se via,
Quais pétalas caídas de um andor.

Crê em Jesus com tôda a idolatria!
Ele te guia e te amortece a dor.
Reza com fé, a luz que ela irradia
É bálsamo eficaz, suavizador.

Tôda de branco, envolta em lindo véu,
Fôste ao altar em busca de Jesus
Que, sorridente, olhava-te do céu.

Sê, filha minha, exemplo de bondade.
Venera aquêla que expirou na cruz
P'ra salvação de tôda a humanidade.

RECORDAÇÃO

Hoje passas por mim tão arrogante,
Esquecido do amor que nos prendeu!...
Ah! se pudesses ler em meu semblante
Todo o martírio que êsse amor me deu!

Recordo agora, que já vai distante,
O meu romance que não floresceu...
Passas por mim com outra, confiante,
Indiferente a quem não te esqueceu.

E mesmo assim conservo em relicário,
Quais as contas benditas de um rosário,
O meu amor por ti, meu doce bem.

Por isso nestas rimas eu proclamo:
Envelhecida e só, é a ti que eu amo.
A ti, sómente a ti, e a mais ninguém!

NOITE

Como te odeio, oh! noite de agonia
De tristeza, de lágrima e torpor!
Trazes sempre contigo a nostalgia
Das almas que padecem por amor.

Enquanto tu és negra, é claro o dia,
No teu silêncio cresce mais a dor;
Tu não tens a beleza que irradia
Das manhãs de alegria e resplendor.

Vestes de negro a terra, o céu e o mar,
Caminhas lentamente... sem parar.
Maior és tu, maior é a solidão.

Tua treva enervante se debruça
Sôbre a minha alma triste que soluça,
Vendo morrer de tédio o coração.

TEU RETRATO

É o teu retrato mudo, desbotado,
O testemunho do meu padecer.
Olhando-o, nêle vejo o meu passado,
Tôda a ventura que deixei de ter.

Repousa no meu quarto abandonado,
Onde outrora era um lindo alvorecer.
E o meu leito tristonho, revoltado,
Chora de mágoa por não mais te ver.

Conquanto saiba que já foste embora,
Beijo a moldura que se descolou,
Corroída pelo tempo que passou.

É teu retrato a sombra da saudade,
Tudo o que resta da felicidade
De dois seres que a sorte separou.

BRUTALIDADE

De maneira brutal, grotesca e indiferente,
Em meu rosto lançaste esta cruel sentença:
— «Já não te quero mais, há muito estou descrente,
«Entre o ódio e o amor não faço diferença.

«Não existe em meu peito o antigo amor ardente;
«Não tenho coração e nem tampouco crença.
«Agora vivo ao léu como qualquer vivente...
«Como não quero o afago, eu não suporto a [ofensa].»

Fiquei petrificada e até desconhecendo
Quem tinha à minha frente e, assim, dizendo ia
Blasfêmias, quem jurara a Deus me proteger.

Ferida no amor-próprio, o pranto em fios correndo,
Jurando que afeição jamais te imploraria,
Pedi ao coração fôrças p'ra te esquecer.

MÚSICA

Poder divino, às vezes, me transportas
Às regiões, etéreas da amplitude...
E a te ouvir, minha alma quase moria,
Vôa, em busca de pouso e solidão.

A melodia minha dor conforta,
É bálsamo, também, ao coração
E o som inebriante os ares corta,
Num soluço de mágoa e de paixão.

Enlevas os réfolhos de minh'alma,
Fecho os olhos então... Que doce calma!
Tu simbolizas a saudade, o amor.

És a arte mais perfeita, sublimada,
Mas, realtando a alma encarcerada,
Sendo alegria, tu também és dor!

ILUDINDO-ME

Procuo acreditar que já não te amo,
Proscendo de ti esta paixão.
Meu orgulho é maior e não proclamo
Que é teu, só teu, meu pobre coração.

Quando pasas me calo e não te chamo,
Quero esquecer-te em minha solidão.
E cada vez mais te adoro e não reclamo,
Este castigo é minha maldição!

E agora que este mal não tem remédio,
Em vez de ti, mora comigo o tédio,
Companheiro fiel desta aflição.

E a grande mágoa de não ser querida
Fêz calar este amor, que é a minha vida,
Sem esperar, sequer, uma ilusão.

REGRESSO

(A Julia da Costa, ilustre poetisa paranaguense)

Tu foste da Poesia um símbolo marcante,
Uma fonte de luz, de encanto e de emoção.
Qual Musa apaixonada, heráldica, sonante,
Os teus versos de amor cantaste com paixão.

Regressas, finalmente, ao solo exuberante
De onde partiste tu, deixando o coração,
Poís repousas, agora, no seio confiante
Da terra que te deve a glorificação.

Exaltaste, com alma, a beleza da vida
Pintaste a Natureza em rima colorida,
E enalteceste o amor, enaltecendo o ideal.

E, ao conquistá-la assim, a «deusa de Poesia»
Te dôu a inspiração — acordes de harmonia,
Que vibrarão por ti, fazendo-te imortal!

AQUARELA

Aos afagos da brisa vespertina,
O mar se veste de cetim brilhante,
E ao remansar da onda esmeraldina,
Desliza um barco que já vai distante.

Que lindo aspecto! O Sol e a pequenina
Casa singela, ao longe, cativante,
O rio cercam... É cena que fascina
E extasia o pintor e o viandante!

A paisagem, que exalta a Natureza,
Inebria a nossa alma. A singeleza
Da moldura da tela é a floração...

Esse quadro real é imperecível.
Da Natureza a tinta é indestrutível
— Aquarela imortal da Criação!

PIEDADE

Piedade, Senhor, para o ser que padece,
Que carrega consigo a grande cruz da dor,
Para aquê que sofre, e aniquilado, esquece
De implorar compaixão ao teu divino amor!

Piedade, Senhor, a quem não a merece
— Alma triste, a vagar sem luz e sem calor!
E lança o teu olhar bondoso que entenece,
Ao coração descrente e só do pecador!

Piedade, Senhor, para o órfão sem abrigo,
Para o pobre aleijado, o mísero mendigo,
Para o enfermo que jaz no leito, agonizante;

Para o mundo sem paz — vale atroz que nos
[fere, —
Para todo o infeliz que, trago a trago, ingere
A amargura contida em taça desbordante!

PARA QUE RECORDAR?

Para que rebuscar nas brumas do passado,
Um amor infeliz, um amor que findou?
Prefiro conservar no peito sepultado,
O desfecho fatal que tudo transformou.

E procuro esquecer, embora revoltado,
O destino cruel, que tudo me negou.
Foi o sonho mais lindo, o sonho mais dourado...
Para que o relembrar, se tudo terminou?

«Recordar é viver» diz antigo ditado.
É recuso feliz do ser angustiado
Que sofre, chora, espera, enfim, sem esquecer.

Para que recordar, se já sofri bastante,
Se guardo no meu peito a chaga cruciante,
E o infinito amargor de não mais te rever?!

SE VOLTASSES...

Saudade companheira inseparável
Da dor imensa da separação,
Dessa dor infinita, incomparável,
Que nos magoa e fere o coração.

Bem sei que te perdi, e inconsolável,
Tenho chorado em minha solidão.
O destino cruel foi implacável,
Separou-me de ti, sem compaixão.

Como seria bom se tu voltasses
Se me amparasses com teu grande amor,
E contra o peito forte me abraçasses!...

Cobriria de flores teu caminho,
Cantaria exultando em teu louvor,
Se voltasses de novo p'ra teu ninho!

TORRÃO DISTANTE

Há muito que partiste desta terra,
Que é grande parte do teu coração;
Tua alma, certamente, ainda encerra
Saudade imensa dêste teu torrão.

Se o teu olhar saudoso se descerrá,
Vês o solo quêrido em floração,
Vês altiva, imponente, a linda Serra,
E o céu azul que cobre teu rincão.

Um dia há-de ter fim essa saudade;
Hás de rever a quem tens amizade,
E há-de chorar, feliz, de comoção.

Só então, voltará tua alegria,
Surgirá, para ti, um novo dia,
Quando voltares para o teu torrão;

DESCRENÇA

Para mim tôda noite é indiferente,
Seja calma, chuvosa, enluarada,
Vivo a sofrer, desesperadamente,
Com minh'alma na treva mergulhada.

Não percebo o luar e o sol-poente,
A bela primavera perfumada,
As aves a cantar, alegremente,
E o despontar da linda madrugada.

Eu só sinto tristeza e isolamento...
Sou como a nau perdida ao léu do vento,
Sem destino nem porto onde ancorar.

Não acredito na felicidade.
Vejo em volta de mim a solidade
E os braços da descrença a me enlaçar...

TEATRO DA VIDA

Almas que sofrem corações que choram,
No grande palco do teatro-Vida,
Esboçando um sorriso se devoram,
Cada qual como fera enraivecida.

E as cenas delumbrantes que decoram
Este cenário imenso, sem medida,
São fantasias, sonhos que coloram
Alguns minutos de ilusão vivida.

Somos atores, vamos disfarçando,
Sempre sorindo, mágoas ocultando,
Como tolos palhaços a viver.

Se por ventura as máscaras caíssem,
De todos os semblantes que existissem.
Que prantos não veríamos correr!..

AUSENCIA

Espero-te ansiosa, noite e dia,
Num anseio febril de inquietação,
Sentindo na alma arroubos de alegria,
Sentindo às vészes, dor no coração.

E tornarás qual sombra fugidia,
Tendo esquecido a louca tentação.
Afastando de nós a noltalgia,
Outros dias felizes voltarão.

Com a tua ausência meu amor aumenta...
Vejo o tempo passar e a hora é lenta
Na eternidade da desolação.

Eu te espero, afogada na saudade,
Nutrindo um sonho de felicidade,
Aquecido ao calor desta paixão.

VOCE

Você matou em mim tôda a esperança,
Matou meu grande amor, que foi você,
Matou meu sonho lindo de criança,
Matou minh'alma em tudo que ela crê.

Você, é tempestade em bonança,
É fôlha solta que não mais se lê...
É passado, despido de lembrança,
Alma obscura e tósca que não vê.

Siga a sua vida, o seu fatal destino
De iludir corações cheios de amor,
Que se prenderem a êsse olhar ferino.

Você há de achar um dia, com certeza,
Um coração fingido e traidor,
Que abismará sua alma na tristeza.

NOVO DIA

Um novo dia, uma esperança cresce,
Uma esperança cálida e radiosa,
E traz o sol que iluminando aquece
A alma que sofre em onda tormentosa.

Um novo dia... um éden que floresce!
A vida se transforma em mar de rosa.
E um panorama claro reverdece
No fundo da alma triste e dolorosa.

Sempre esperamos ao romper do dia,
Uma nova ilusão, nova alegria
Um lenitivo a mais, para esquecer.

E assim o tempo vai nos iludindo:
Faz o dia, ao nascer, que vá surgindo,
Dentro de nós, a febre de viver!

PROFETIZANDO

Nasceste pura, linda e perfumada,
És um sonho de amor que floresceu...
Qual magia de noite enluarada,
És flor de Lis, que a ti o nome deu.

És estrêla que brilha aureolada
Pela glória de um lar que reviveu,
Linda manhã de sol, iluminada
Pelo riso que Deus te concedeu.

Trilharás o caminho mais florido
Realizarás teu sonho mais querido,
Linda flor pequenina, inda em botão.

Serás ativa e nobre qual princesa...
Na alma terás os dotes da beleza
E o céu azul no próprio coração.

DIVINO PRANTO

Tristonha, de semblante macerado,
Virgem-Maria é a encarnação da Dor,
Ao ver na Cruz o filho abençoado
— Vida de sua vida, — o seu amor.

Com o coração de dores traspassado,
Seu sofrimento é desesperador,
Vendo Jesus morrer, crucificado,
Pra salvação de um mundo promissor.

Uma lágrima pura e cristalina
Cai aos pés do Senhor e se ilumina,
Maravilhosa, na Ressurreição.

E nêsse instante a noite faz-se dia:
Cessa o pranto divino de Maria
Vendo Jesus sorrindo na Ascensão!...

REABILITAÇÃO

Quando o homem faz do vício e da paixão
Um prazer infinito, de momento,
Entrega o corpo, a alma, e o coração
A ilusões tão fugazes como o vento.

E cava aos pés o abismo do tormento,
Da luxúria-pecado, da ambição...
Sem controlar o próprio pensamento,
Torna-se um fraco e foge da razão.

Se êle faz dos seus erros um escudo,
Rebaixa-se a si mesmo e, sobretudo,
Nada mais resta para a salvação.

E rola, então aos poucos, pelo abismo...
Mas se pode subir na asa do heroísmo,
Volta, afinal, à reabilitação.

AQUELA CARTA...

Aquela carta que escrevi chorando,
A confessar que nunca te esqueci,
Rasga-a, por Deus! Não fiques recordando
Palavras sóltas que jamais senti

O tempo corre célere, apagando
As emoções e os sonhos que vivi,
Da realidade hoje obedeco ao mando...
Não creias nas loucuras que escrevi!

Sei que a guardaste. Rasga-a, por favor!
Não conserves contigo essa lembrança,
Não julges que senti tão grande amor...

Mera ilusão da louca mocidade,
Mocidade que vive de esperança,
Dentro de um sonho de felicidade!

CIÚME

Muitas vezes brigamos por ciúme
Ficamos vários dias sem falar,
Mas não compreendes nunca o meu queixume,
Nem esta dor que sofro por te amar.

O amor que te consagro se resume
Num tormento de zêlo e de pesar.
Seria a minha vida eterno lume,
Se pudesses teus ciúmes ocultar.

Um coração que adora é bom e crente,
E se assim não procede é porque mente...
Infelizmente agora o compreendi!

Se persistires nesse ciúme louco
Matarás, estou certa, pouco a pouco
O coração que bate só por ti!

NOVO DIA SONHANDO

Tenho a ventura de viver sonhando
De olhos abertos, mas afadigados;
Em pensamentos vivo divagando,
Nos mais belos países afastados.

Sem perceber eu vou-me transportando
A uma região de gênios encantados,
E a mente, em cisma, vai descortinando
Novo mundo por mim idealizado.

Mas há momentos em que a realidade
Vem me roubar essa felicidade,
Matando anelos de vivaz magia.

Quem me dera sonhar a vida inteira,
Dormir nas asas da ilusão fagueira
E acordar no país da Fantasia!

ESPERANÇA

Nas asas branca de uma garça airosa
Partiu minha esperança esmeraldina,
Em busca de outros sonhos côr-de-rosa,
A procura de outra alma peregrina.

És como a chama ardente que ilumina,
A luz que brilha em noite tenebrosa...
— Esperança, mentira adamatina,
Sem ti a vida é falsa e dolorosa!

Guardo de ti indômita saudade...
Sem esperança tudo é solidade,
Sonho desfeito, noite sem luar.

E inda aqui espero a garça fugidiva
Que a esperança sem dó roubou-me um dia,
E não mais — até hoje — quis voltar.

TARDE DE MAIS

Só, pela rua, vaga a desgraçada,
A mendigar um pão para comer,
E sem poder achar uma pousada
Em que possa de noite adormecer.

Bela outrora, está hoje tão mudada!
Nos seus traços eu pude perceber
Fôra a beleza personificada,
Origem do pecado e do prazer.

Amargamente agora se arrepende
Dessa lindeza não saber usar.
Sem espóso, nem lar consolador.

Chora, e a cabeça sobre o busto pende,
Pois é tarde demais para encontrar
Um peito amigo que lhe oferte amor.

VALSA DE SAUDADE

Essa valsa, simbólica e dolente,
Lembra-me o alvorecer da minha vida,
O meu tempo feliz de adolescente,
Primavera de há muito fenecida,

Feliz te vejo, e sonho comovente,
Eu — apoiada em ti, enternecida,
E assim dansamos amorosamente
Essa valsa de amor, enlanguescida.

Quando a valsa termina, tudo passa,
Tudo se esváí, mais leve que a fumaça...
Vão com ela meu sonho e mocidade.

E fico trauteando o som dolente,
Melodia que foi como um presente
Para viva tornar minha saudade!

CIGANA

Segue avante, cigana feiticeira!
Tens por destino eterno caminhar,
Pervagar qual eterna passageira,
E o céu teto do mundo, que é o teu lar.

E assim vives, errante mensageira,
Com tua tribo morena a vaguear,
De longas tranças, negra cabeleira,
Olhos profundos como o verde mar.

Lês de todos a sorte, indiferente,
Mas só não lês a minha. Sou descrente,
Pois não creio no dom de advinhar,
Alegria de outros a minha.

Que a minha sorte... tenho-a já perdida.
Perdi tôda a esperança, luz da vida,
E tu cigana, não m'a podes dar.

VEREDA ESPINHOSA

Essa estrada bem longa, êsse caminho,
Há muito palmilhei cheio de vida,
Meu coração tal qual um passarinho,
Saltitava na rama florescia.

La em busca de amor e de carinho,
Da mulher ideal, visão querida,
De um lar feliz, que fôsse um doce ninho.
E minh'alma de jovem foi ferida.

Hoje volto descrente e abandonado,
Com a linda miragem do passado,
— Sonho róseo de amor e de ventura,

Essa vereda que antes florescia,
Hoje é pra mim deserta, sem poesia,
Cheia de cardos, negra de amargura.

LADEIRA DA VIDA

Esse velho alquebrado é um fragmento,
Resíduo de uma vida e mocidade.
Traz nas rugas do rosto o sofrimento
E as cãs provocam íntima piedade.

Seu olhar já sem brilho, nevoento,
Não percebe do sol a claridade.
A vida é noite escura de tormento,
Sem ilusões, imensa na saudade.

Oh! juventude, incauta primavera,
É o do velho o futuro que te espera!
Se desceres da vida igual ladeira!

Goza da vida, pois, o lado terno!
Vê que a velhice é tenebroso inverno.
E a mocidade — aurora passageira!

ORGULHO

Nunca quis confessar que te amo tanto,
Não quiseste também dizer que amavas...
Guardamos nosso amor e, no entretanto,
Em silêncio te amei e me adoravas.

Quando a noite no céu soltava o manto,
Sem nada me dizer, tu me fitavas.
Vejo amor nos teus olhos, terno encanto,
Nos meus tu vês os beijos que anelavas.

Sofremos por orgulho, por vaidade...
A ocultar nosso amor vamos andando,
Talvez, quem sabe? para a eternidade.

Quem me dera saber, meu grande amor,
Que disseste um dia: «Estou pensando»
Por te amar com loucura, minha flor!

MARIPOSA

Não te iludas assim tão facilmente
Com o misticismo dessa luz brilhante!
Deixa teu sonho adormecer na mente,
Oh! mariposa sôfrega e adejante!

O teu rodopiar sonoro e ardente
Transforma-se num ritmo arquejante,
A luz que te fascina é atraente,
Mas pode calcinar-te num instante.

Da mulher o destino é semelhante:
Procurando no mundo a luz brilhante
Do luxo e do prazer para onde corre,

Vai rolando no abismo do pecado,
Corpo e alma rotos no febril bailado,
Qual mariposa, ela se abrasa e morre.